

EDUCAÇÃO ESCOLAR E SABERES SOCIAIS EM NARRATIVAS DE TRABALHADORES: O TRABALHO DA PALAVRA E DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

*SCHOOL EDUCATION AND SOCIAL KNOWLEDGE IN
WORKERS' NARRATIVES: THE WORK OF THE WORD AND OF
THE HISTORICAL AWARENESS*

*EDUCACIÓN ESCOLAR Y SABERES SOCIALES EN NARRATIVAS
DE TRABAJADORES: EL TRABAJO DE LA PALABRA E DE LA
CONCIENCIA HISTÓRICA*

Luzia Márcia Resende Silva¹

Resumo: O objetivo deste texto é refletir sobre a relação entre saber escolar e outros saberes sociais e sobre a inconveniência da valorização da cultura letrada em detrimento de outras culturas, na sociedade capitalista. A partir de narrativas de carregadores de mercadorias, buscamos uma compreensão de como eles explicitam uma clara consciência da relação desigual entre os diferentes saberes, explicam detalhadamente seus saberes construídos na experiência cotidiana do universo de trabalho e apresentam uma demanda pelo seu reconhecimento, desmistificando os discursos que os desqualificam por serem pouco escolarizados, expondo as debilidades de um sistema onde convivem com muitas pessoas muito escolarizadas, mas desempregadas. Os trechos de narrativas que aqui trabalharei nos remeterão à perspectiva de Rüsen (2001) sobre o papel da narrativa na construção da consciência histórica e de Portelli (1996), quando afirma que narrar é explicar e que na narrativa a filosofia vai junto com os fatos, que na narrativa oral podemos apreender no trabalho da palavra o trabalho da consciência. Lidando com narrativas orais, propomos considerar as experiências dos carregadores de mercadorias como estímulo para refletirmos sobre os significados das lutas por uma educação escolar “libertadora”, “para além do capital”, que dialogue com os demais saberes sociais e se construa considerando as experiências de vida dos sujeitos e não excluindo ou desqualificando outros saberes. Construir uma educação escolar “libertadora” é a única maneira de vencer uma história onde o domínio dos saberes escolares quase sempre esteve associado à construção de privilégios e dominação.

Palavras-chave: Saberes escolares; Saberes sociais; Analfabetismo; Reconhecimento social; Consciência histórica.

¹ Universidade Federal de Goiás/Reg. Catalão (UFG), Catalão, GO, Brasil. E-mail: luziamarcia.ufg@gmail.com

Abstract: This paper aims to reflect on the relationship between school knowledge and other social knowledge, and on the inconvenience of privileging literate culture in detriment of other cultures, in capitalist society. From goods carriers narratives we want to understand how they have an awareness of the unequal relationship between different knowledge, how they explain in detail their knowledge elaborated in every day experience of the work universe, and how they present a demand for their recognition, demystifying discourses, which disqualify them, and exposing the weaknesses of a system where they coexist with many educated unemployed people. The narrative excerpts analyzed in this paper will remit us to the Rüsen (2001) prospect on the role of narrative in the construction of historical consciousness and to Portelli (1996), when he says that to narrate is to explain and that the narrative philosophy goes along with the facts, and that, in oral narratives, we can grasp the consciousness work from the work of the word. Dealing with oral narratives, we propose to consider the goods carriers experiences as a stimulus to reflect on the struggles for “liberating” school education meanings, “beyond capital”, which dialogue with other social knowledge and is made considering individuals life experiences and not excluding or disqualifying other knowledge. Building a “liberating” education is the only way to win a story where the domain of school knowledge almost always has been associated with privilege and domination.

Key words: School knowledge; Social Knowledge; Illiteracy; Social recognition; Historical awareness.

Resumen: El objetivo de este texto es reflexionar sobre la relación entre los saberes escolares y otros saberes sociales y sobre la inconveniencia de valorización de la cultura alfabetizada en detrimento de otras culturas en la sociedad capitalista. Desde la narrativa de los transportistas de mercancías, buscamos un entendimiento de cómo explicitan una clara conciencia de la relación desigual entre los diferentes saberes, explican en detalle su conocimiento construido en la experiencia cotidiana del universo laboral y presentan una demanda para su reconocimiento, desmitificando los discursos que descalifican ellos y exponiendo las debilidades de un sistema donde conviven con muchos desempleados educados. Los fragmentos de narrativas que trabajaré aquí nos van a remitir a la perspectiva de Rüsen (2001) sobre el papel de la narrativa en la construcción de la conciencia histórica y de Portelli (1996), cuando dice que narrar es explicar y que, en la narrativa, la filosofía va de la mano con los hechos, que en la narrativa oral podemos captar el trabajo de la consciencia en el trabajo de la palabra. Trabajando con narrativas orales, proponemos considerar las experiencias de los expedidores de mercancías como un estímulo para reflexionar sobre los significados de las luchas por una educación escolar “liberadora”, “más allá del capital”, que dialogue con otros conocimientos sociales y si construye teniendo en cuenta las experiencias de vida de los individuos y no excluyendo o descalificando a otros conocimientos. La construcción de una educación “liberadora” es la única manera de vencer a una historia en la que el dominio de los conocimientos escolares casi siempre se asocia con la construcción de privilegio y dominación.

Palabras clave: Saberes escolares; Saberes sociais; Analfabetismo; Reconhecimento social; Conciencia histórica.

“Mais eu num tenho escolaridade, eu tinha atividade na cabeça”
(Amilton) .

Desde que “me entendo por gente”, a relação entre saberes escolares e saberes sociais está posta em meu horizonte. Sou filha de uma família de trabalhadores rurais e, tanto pelo lado paterno quanto materno, tenho muitos familiares com baixos níveis de escolaridade. Em minha família, nas gerações anteriores à minha, poucos tiveram acesso à educação escolar por período superior a quatro anos. Desta forma sempre convivi com pessoas pouco escolarizadas ou mesmo completamente analfabetas. Meus pais sempre enunciavam a falta de escolaridade como um problema que gostariam que seus filhos superassem, mas mesmo assim, e apesar dos esforços empreendidos, meus dois irmãos nunca demonstraram muito interesse pela educação escolar e apenas eu e minha irmã conseguimos níveis superiores de escolaridade.

Formada em História, inserida na prática do ensino e da pesquisa, esta problemática da relação entre educação formal e os saberes sociais sempre esteve na ordem do dia para mim e sempre balizou tanto a construção de minha compreensão sobre educação escolar quanto das práticas de pesquisa sobre a sociedade brasileira. Considerando a inspiração das leituras de Paulo Freire em minha formação e minha experiência social, lido com uma concepção de que nem toda educação escolar é libertadora, muito pelo contrário. Assim, sempre me incomodou o modo como são elaborados discursos e encaminhadas práticas com relação à educação formal, no mundo todo, mas especialmente no Brasil.

Assistimos à implantação de uma série de programas que visam escolarizar jovens e adultos e especialmente manter as crianças na escola como uma vitória no contexto das lutas pela construção de um mundo melhor, de um país mais justo. O que tem me preocupado é que a luta pelo direito à educação formal, que é bandeira de todos nós, tem sido erguida de um modo que a escolarização, de um direito de todos, passou a ser uma obrigação de todos.

Considero que transformar direito em dever é uma inversão que afronta a concepção que possuo de cidadania. Ser analfabeto, ou participar de alguma forma de cultura que prescindia do letramento se tornou elemento de desqualificação do sujeito. Pesa como nunca sobre o analfabeto um preconceito que o marginaliza e inviabiliza qualquer possibilidade de cidadania. Sobre suas costas é atirada a culpa pelos problemas do país e, pior, ele é responsabilizado pela própria marginalização e pelas dificuldades que enfrenta. O analfabeto é visto como ser “deficiente”, com um agravam-

te, precisa se conformar com suas mazelas, porque “ele” não é adequado à sociedade. Nunca se falou tanto em “multiculturalismo”, como atualmente, mas aí daquele que não possui a cultura letrada. Infeliz daquele que não for suficientemente, ou potencialmente, útil ao sistema capitalista, que na sua atual fase exige uma população letrada. Nosso direito à educação formal se transformou em obrigação, mas como nem toda educação escolar é libertadora, e muito menos o projeto mundial do capitalismo de eliminação do analfabetismo, vemos com tristeza, que muitas vezes, os programas de escolarização que são oferecidos visam apenas tornar a todos úteis ao sistema.

Durante toda minha vida como pesquisadora e professora de ensino superior, tenho prioritariamente procurado compreender a dinâmica social a partir das articulações e preocupações de sujeitos pouco escolarizados, e me impressiona e indigna o modo como estes sujeitos são afetados pelo preconceito e marginalização imputados aos analfabetos ou semialfabetizados. Para se ter uma ideia do que afirmo, em uma pesquisa que realizei com estudantes das escolas públicas em Catalão – GO, me impressionou como os alunos se expressaram sobre o que significava para eles estudar: “*sem estudo, hoje em dia você não é nada*”, “*quem não tem estudo não é ninguém*”, “*sem estudo não se consegue um bom trabalho*”, etc... Interpreto estas formulações como situadas em experiências onde a escolarização formal, longe de realizar nossos sonhos de elemento na construção da cidadania, se insere numa perspectiva de funcionalidade ao sistema capitalista. Experiências de escolarização que, ao contrário do que pleiteia Mézáros (2008) não serve à vida, mas ao sistema.

Em minha infância, na zona rural, nos idos do final dos anos 1960 e 1970, formulações como essas efetuadas por estes alunos soariam como um absurdo, pois o analfabetismo ou a baixa escolaridade de meus parentes e vizinhos não afetava a sua dignidade e o reconhecimento social de seus saberes, mesmo que todos tivessem grande deferência pela educação escolar e pelas pessoas altamente escolarizadas e sonhassem que algum de seus filhos ou netos pudessem um dia estudar até ser um “doutor”.

As modificações sociais vividas na sociedade brasileira, após meados dos anos de 1970, com a intensificação da urbanização e as novas exigências do sistema capitalista recoloca a questão da educação escolar em novo patamar e a funcionalidade exigida faz com que aqueles que não a possuem sejam cada vez mais desqualificados.

Mercedes Vilanova (1994), em uma discussão sobre a problemática do alfabetizado/analfabeto, afirma “A identidade social deteriorada (...), a estigmatização que sofrem, isto está no alfabetizado, não no analfabeto, que sabe que não tem nenhuma identidade social deteriorada (...) sabem que são pessoas humanas, normais (...)”. A posição defendida por Vilanova parece ser um instigante princípio para a reflexão que pretendo realizar.

Em minhas pesquisas, trabalhando com entrevistas realizadas com

trabalhadores, inúmeras vezes meus entrevistados se referem à questão da escolarização. Sempre interpretei este fato como possuindo relações com um desejo da parte deles de marcarem a posição e o valor de seus saberes e requisitarem reconhecimento social, uma vez que falavam para uma “professora” e que o que diziam sempre se destina à produção de um texto escrito ao qual terão acesso estudantes e professores, enfim gente escolarizada. Os trechos de narrativas que aqui trabalharei nos remeterá à perspectiva de Rüsen (2001) sobre o papel da narrativa na construção da consciência histórica e de Portelli (1996) quando afirma que narrar é explicar e que na narrativa a filosofia vai junto com os fatos, que na narrativa oral podemos apreender no trabalho da palavra o trabalho da consciência.

Para explicar como muitas vezes trabalhadores abordam a relação entre a educação escolar e seus saberes sociais, vou recorrer ao modo como carregadores de mercadorias da cidade de Uberlândia-MG se referiram a esta temática, como lidam com a educação escolar e os discursos formulados em torno dela a partir de suas experiências e saberes desenvolvidos longe da escola. Entre os entrevistados, Seu Alírio, Cláudio e Ilsom frequentaram até o nível médio de escolarização e Seu Lourenço, Seu Inácio, Seu Amilton, Seu Delfim, Seu Eduardo, Nestor e Seu Antônio foram alfabetizados, cursaram algumas das séries do Ensino Fundamental. A necessidade de trabalhar para ajudar na sobrevivência de suas famílias e o fato de terem crescido em um ambiente rural onde “aprender a cuidar das plantações” era mais importante que frequentar escola são apontados como motivos básicos pelos quais Seu Lourenço, Seu Inácio, Seu Amilton, Seu Delfim, Seu Eduardo e Nestor frequentaram pouco a escola. Apenas Seu Antônio disse não ter estudado, porque *“não, eu num gostava, não. Eu era inimigo daquela escola lá. Não, eu ficava muito preso, né?! Gostava de ficá preso, não”*. A inadaptação às regras e disciplinas da escola são levantadas por ele como principais motivos para abandoná-la. Seu Antônio interpreta a escola como uma prisão, da qual ele como uma criança que gostava de liberdade fugiu. Será que nossos estudantes experimentam/vivem uma escola diferente? Ou sonham como seu Antônio fugir da escola que os aprisiona?

Os Carregadores entrevistados afirmaram conceber a escolarização como um meio através do qual, na cidade, é possível conseguir um trabalho “mais manero/fácil” ou seja mais leve. Percebo neste tipo de afirmação uma consciência de que grande parte do que é possível fazer na cidade, sem muito esforço físico, demanda escolaridade. Assim, quando chegaram na cidade e se defrontaram com essa realidade, tiveram que se encaminhar para os setores de trabalhos mais pesados/difíceis e que demandam grande esforço físico, porque é aí que se exigem as habilidades que eles possuíam, não vendo nisso nenhum problema, porque tinham “força e saúde”, assim se fizeram como carregadores sem se preocupar muito com escolarização.

Seu Inácio, por exemplo, ao verificar o aumento da concorrência no setor de carga e descarga e perceber que a cidade é cada vez mais codificada para nela viver quem possui escolaridade, com o aumento de demanda por saber manusear aparelhos eletrônicos/informatização, prognostica que *“vai chegar um tempo que quem num subé lê bem beleza num vai vivê in cidade, não”*.

Seu Inácio, considerava que estudar é cada vez mais importante para poder viver com mais “facilidade” na cidade. Reclama que vinha procurando encontrar para si um “serviço manero”, porque estava ficando velho e suas forças acabando, mas não conseguia, porque sempre que aparecia uma vaga em “serviço manero” e que ele tentava pleiteá-la, já encontrava uma fila de cinco, seis com altos níveis de escolaridade em sua frente e perdia a vaga por não ter grau de estudo elevado, mesmo se para realizar o trabalho oferecido não se exigisse nenhum tipo de saber aprendido na escola.

Apesar da ligação que estabelece entre possuir grau de escolarização e “serviço manero”, portanto mais facilidade para quem já não tem grande força física, apresenta em sua narrativa uma consciência clara de que as coisas estão tão difíceis que muitos são os jovens que abandonam a escola e se inserem na profissão de carregadores, porque estão colocados diante da evidência de que existem muitas pessoas que são formadas e estão desempregadas. Ou seja, se no momento de sua chegada à cidade somente quem não tinha escolaridade tinha que se encaminhar para os trabalhos pesados e as possibilidades de que alguém com bom nível de escolaridade conseguisse um “serviço manero” bem remunerado eram quase certas, nota que agora as coisas são diferentes e que tem muita gente “estudada” enfrentando o “pesado”, migrando para sua área de trabalho, porque aí é possível conseguir uma remuneração razoável, com recebimento semanal. Dessa forma Seu Inácio combate o discurso que atribui à sua falta de escolarização o fato de ter que trabalhar em serviço pesado.

Seu Inácio não teve filhos, mas filhas, assim para abordar esta questão, falou do que conhece no Sindicato, onde é comum os filhos trabalharem na mesma função dos pais:

(...) tem muita família que tem pai que tem rapaiz e eles tão trabalham junto com os pais, assim, né?! Junto com os pais aqui, isperano chamada de serviço pra trabalhá, tem o seu José, que tem dois filho, tem o Cleidemar, que tem filho tamém trabalham, incruzivi o próprio presidente, que é o Alírio, né?! Tem um filho dele que trabalha também, que já nascido e criado aqui dentro de Uberlândia, onde eu falo pra você, tinha tudo, tinha não, tem, tudo que o pai pode e dá se ele quizé, o istudo, (...) e não quis istudá, (...) hoje vive carregano saco na cabeça e nasceu e criou, feiz até a oitava série e num quis mais, achô melhor pegá sacaria, trabalhá no pesado do que istudá (...)

Seu Inácio, que dentre os entrevistados foi quem mais demonstrou preocupação com a necessidade de os jovens estudarem para conseguirem um “serviço mais manero”, traz em sua narrativa alguns elementos que valem a pena serem pontuados: um deles é que em muitas famílias a atuação no setor de carga e descarga se torna um ramo de família, onde os filhos seguem a mesma função do pai, certamente estimulados pelas possibilidades de conseguir bons espaços de atuação através do universo de relações dos pais. Os pais transmitem também a eles os ensinamentos necessários para atuação no setor, de tal maneira que para muitas famílias, a opção de construir o “futuro” está ligada à movimentação de mercadorias. Outro elemento significativo realçado por Seu Inácio é que esta não é uma opção apenas para famílias que não têm condição de estudar os filhos e para afirmar isso cita como exemplo o filho de Seu Alírio, que se quisesse estudar teria todas as condições, mas preferiu “*pegá sacaria, trabalhá no pesado do que istudá*”. Esta afirmativa de Seu Inácio de que muitos filhos atuam no mesmo ramo do pai ganha fundamento no grupo dos entrevistados. Além dos filhos de Seu Alírio, os de outros atuavam ou atuaram, por algum tempo no setor, é o caso dos filhos de Seu Amilton e de Seu Delfim. Dos entrevistados que possuem filhos, apenas Seu Lourenço disse que se depender de sua vontade seus filhos não vão trabalhar em “serviço pesado”, que só se tornarão carregadores se for o “destino” deles.

Suas narrativas, entretanto, demandam reconhecimento para seus saberes, seu trabalho. Seu Inácio realça, neste sentido, a versatilidade de seus saberes, e as possibilidades que lhes dão para enfrentar as dificuldades e trabalhar:

(...) E é um mutivo de trabalho que eu acho, que eu quiria falá pra você, dona Luzia, é a respeito de que eu acho difícil sobre leitura, porque eu num tenho, mais falá pra carregá um caminhão, **eu sei trabalhá**. Vai limpá a bêra de um barracão, tirá, cortá aquele capim o podá uma grama o podá uma árvori **eu sei trabalhá, eu só num sei sentá numa mesa dessa, batê um computadó, né?!** programá um computadó pra trabalhá, é preenché qualqué uma é ... uma nota fiscal, chega uma nota fiscal pra mim assiná, tem um produto aqui e cê tem que dá baixa naquilo, eu num sei por onde passô, isso é que eu acho difícil... é a coisa que eu mais quiria pra mim.

Seu Inácio afirma contundentemente: “*eu sei trabalhá*”, diz apenas não saber “*sentá numa mesa dessa, batê um computadó, né?!*”. Na maneira como se expressa, deixa entrever o quanto valoriza a variedade de atividades que sabe realizar, mas também o quanto gostaria de realizar tarefas mais “maneiras” como bater um computador, preencher uma nota fiscal, dar baixa em um produto. O que compreendi é que na experiência que ad-

quiriu trabalhando no interior das grandes empresas, ele percebe que com o domínio de atividades como estas poderia ampliar bastante seu campo de possibilidades e de ganhos sem muito desgaste. Ele, que já considerava estar esgotando as forças, percebe que seria um bom trunfo contar com um pouco mais de escolarização para disputar oportunidades de trabalho mais fáceis, que não requerem força.

Uma Inspiração importante no modo como tenho lidado com a História Oral é a afirmação de Portelli (1996) de que “narrar é interpretar”, ou seja, segundo ele na narrativa a filosofia vai junto com os fatos. O modo como Seu Inácio coloca sua experiência com a escolarização é expressivo de como, ao narrar, ele se esforça para expressar como esta questão da escolarização foi passando a fazer parte de suas preocupações e como ao narra-la, já em momento que percebe que suas forças estão diminuindo e que não conseguirá exercer “trabalho pesado” por muito tempo”, a interpreta como algo imprescindível e a qual toda a juventude precisa ter acesso para garantir uma perspectiva melhor de futuro na cidade, mas expõe também as ambiguidades do seu pensamento ao demonstrar possuir experiência e consciência de que, mesmo as pessoas escolarizadas, na atual conjuntura, estão tendo dificuldade de conseguir “serviço manero” e estão vendo na carga e descarga uma alternativa.

Um elemento que marcou as entrevistas dos carregadores, e que interpretei como demanda de reconhecimento e valorização de suas pessoas, seu trabalho e seus saberes, e expressão de suas consciências históricas é o modo como os carregadores narram como se utilizam das habilidades que possuem para driblar a necessidade de escolaridade em suas atividades, a forma como cada um deles se utiliza da “leitura” que possui, para, aliada aos saberes realmente necessários a um carregador, facilitar ao máximo seu trabalho. É o caso de Seu Antônio, que confeccionou para si uma “agenda”; do Cláudio, que consulta o “Guia Sei” para facilitar o conhecimento de todas as ruas da cidade; do Seu Amilton, que ampliou seus conhecimentos de matemática e estudou a CLT, para atuar como tesoureiro da Federação, etc... Dentre as habilidades que possuem, realçam, no entanto, que sua capacidade comunicativa e sua capacidade de orientação, que lhes possibilita conhecer a cidade e estabelecer relacionamentos estratégicos, aliadas à “prática” na lida com as diversas mercadorias, é que de fato lhes favorece sobreviver como carregadores. Seu Delfim expressa isso de modo contundente. Ao falar dos procedimentos de trabalho, fez menção a notas fiscais, perguntei-lhe, então, se era preciso saber ler para lidar com elas e ele disse:

(...) Não, tem qui tê, que cê tem qui oiá as nota, nota fiscal, essas coisa, cê tem qui tê leitura, mais dependeno do... do... da firma, num pricisa, cê fala qual firma cê qué disarregá? Ele fala tal firma. Cê num tem qui sabê, cê já entra e já manda ele direto. Agora

quando cê vai fazê intrega miúda, (...) cê tinha qui pegá um chapa da cidade, porque o chapa da cidade, ele cunhece os armazém, cunhece as firma piquena, butiquim, então é aí qui funciona, que se eu,... se eu vô pa Tupaciguara, se eu num cunhecê, cê pode sabê o qui ocê sabê de lê, cê tem qui descê e ficá perguntano: ondê qui fica esse endereço? Ele mostra o endereço, mais num adianta, cê num sai fácil(...). Cê pode sabê lê o qui fô, cê tá com a nota fiscal, mais cê num cunhece a cidade, as veiz cê tá procurano uma firma qui tá ao lado, de tráis do caminhão, e acontece dimais, então é o tal problema da leitura (...)

Seu Delfim não descarta que saber ler pode ajudar um carregador a desempenhar seu trabalho, mas afirma que para um carregador o mais importante é conhecer a cidade, porque o que se aprende na escola não é capaz de dar a alguém a capacidade de orientação que o esquadrinhamento da cidade lhe dá. A percepção que tenho é que ao fazer essa elaboração, é como se Seu Delfim estivesse dizendo, que “escolaridade” pode ser importante, mas não é tudo. Existem outros saberes com os quais se é possível realizar atividades e que a escolarização não oferece todas as habilidades. Por isso, é preciso aprender a valorizar outros saberes, e que para os carregadores existem conhecimentos mais importantes, ele realça que saberes aprendidos na escola como a “leitura” de letras/palavras não tem a mesma eficiência que a “leitura” dos trajetos da cidade, mostrando a ineficácia do letramento para resolver problemas em algumas situações e que para um carregador este chega até mesmo a ser um saber dispensável. Para um carregador, mais importante que ler o que está escrito nas notas fiscais, é *“cunhecê a cidade, (...) os armazém, (...) as firma piquena, butiquim, então é aí qui funciona... cê fala qual firma cê qué descarregá? Ele fala tal firma (...) cê já entra e já manda ele direto”*.

Seu Amilton, quando discutíamos sobre o perfil dos carregadores e lhe perguntei sobre escolaridade, deixou entrever que a categoria busca criar regras para se proteger da inserção, na categoria, de pessoas que possuam elevado grau de escolaridade. Segundo ele, é cláusula do estatuto do Sindicato essa proibição. Interroguei-o sobre a presença de Seu Alírio, que tinha nível médio de escolarização e ele disse: *“O Alírio tá ali em todos casos porque, da moda do oto, ele num formô em nada, se ele fosse advogado, ele num entrava lá dento”*. Segundo Seu Amilton, se alguém muito escolarizado tentar entrar no Sindicato é imediatamente rechaçado, *“os nêgo corre com ele”*. Este tipo de reação pode ser indicativo de uma reserva de mercado de trabalho para aqueles que possuem pouca escolaridade, uma vez que na cidade grande parte das atividades demanda certo grau de escolarização.

Falando de si mesmo, Seu Amilton expressa uma outra perspectiva interessante, onde afirma que o importante para alguém se sair bem, não é possuir alto grau de escolaridade, mas boa vontade e *“atividade na cabeça”* para conseguir aprender a lidar com o universo da escrita. Mesmo sem mui-

ta escolarização é possível aprender muita coisa, como ele conseguiu aprender a lidar com toda a contabilidade do Sindicato e depois da Federação. Se não tivesse optado por continuar no Sindicato, mesmo só tendo “quarto ano de roça”, poderia ter aprendido “outras coisas” e se sairia bem. Teve oportunidade de “arrumá serviço bão” :

Mais eu num tenho escolaridade, eu tinha atividade na cabeça. Como de fato eu passei a sê tesorero do Sindicato eu num sabia nada, aprendi tudo, eu num tinha escolaridade, eu tenho quarto ano, quarto ano de roça ainda. Naquele tempo fazia admissão nem admissão eu fiz. Quarto ano de roça mesmo. Só que eu tinha boa vontade né!? E aprendi. Mais eu tive oportunidade de arrumá serviço bão aqui. Só que eu optei por isso. Apesar do meu nível de escola poco, mais eu sei que eu saía bem.

O sucesso que Seu Amilton considera que alcançou, o faz confiante em suas capacidades. Ele sente que poderia fazer qualquer coisa, porque com sua “boa vontade e sua atividade na cabeça” é capaz de aprender qualquer coisa e se sair bem.

O que vou percebendo com as narrativas, é que os carregadores desenvolveram diversas estratégias para lidarem com o fato de muitos deles não terem a devida “escolarização”, em um ambiente onde a escola, a alfabetização, enfim a educação letrada são referenciais fundamentais. Para lidarem com os problemas concretos, têm lançado mão de “*toda a atividade*” que possuem “*na cabeça*” e conseguido encontrar soluções que a escolarização, talvez, não tivesse sido capaz de ajudá-los a encontrar. O difícil e doloroso para os carregadores é lidar com um discurso de poder que visa claramente desqualificá-los enquanto pessoas, negando-lhes espaço e direitos na cidade, pelo simples fato de não terem elevado grau de escolarização. No diálogo com essas posições, muitos se apoiam nos saberes que os habilitam a se relacionarem com quaisquer outros moradores da cidade e que os capacitam a ocupar espaços e a encontrar soluções para problemas vividos no dia a dia, para demandarem reconhecimento social. O modo como narram os complexos e variados meios como organizam o trabalho e a sobrevivência como carregadores certamente guarda, entre outros sentidos, o de valorizarem-se, e assim, explicitam a consciência histórica que para Rüsen (2001) tem uma “função prática” de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica.

Todos os entrevistados afirmaram ser necessário conhecer bem o ramo para que alguém possa exercer o trabalho com sucesso. O treinamento na lida com as diversas mercadorias é adquirido na prática do trabalho com o auxílio dos companheiros. Quando um homem novato se insere na atividade tem que contar com a solidariedade e paciência dos que são experientes

para aprender a lidar com as mercadorias, seja no seu manuseio, no modo de organizar a carga, empilhar, enlonar etc... Seu Eduardo afirma que o caminho é: “... *procurá alguém qui sabe pa ensinar a ele, qui não é difícil, né!?... ele tem qui entrá no ramo pa í aprendeno, igual eu, eu num sabia nada, fui entrano no ramo e fui aprendeno*”. Dominar todos os mecanismos de lida com diversos tipos de mercadorias é um processo que se dá “no ramo” através da ajuda de homens experientes. Para que um grupo receba alguém que não sabe trabalhar e se disponha a ensiná-lo é preciso que haja interesse motivado pela solidariedade ou afeto, porque numa equipe de quatro homens, por exemplo, a presença de um “*barriga*”, vai, segundo Seu Lourenço, atrasar o trabalho e diminuir os ganhos do grupo, uma vez que todos têm que trabalhar no mesmo ritmo. Para exemplificar utilizou-se da seguinte “comparação”:

(...) É, no mesmo ritmo, que ocê corrê e eu num... im comparação, os dois qui tá cumigo, aconteceno isso, ocê vai amanhã no meu lugá no meu caso, ocê num dá conta do serviço, quer dizê qui ocê vai atrasá os dois qui vai... isperá . Ocê, ah! Fulano eu num só trenado (...)

Pelo modo como se referem a um “barriga” como representando prejuízo para o grupo que tem que diminuir seu ritmo em função de sua inexperiência, foi possível perceber entre os entrevistados que, principalmente hoje em dia, com a acirrada concorrência, existe uma forte resistência em aceitar pessoas inexperientes em todos os locais onde os carregadores se organizam para pleitear trabalho, exceção feita apenas a parentes ou amigos próximos, ou alguém que seja capaz de sensibilizar o grupo em função de suas necessidades.

Seu Delfim, narrando sua experiência, lembra-se dos recursos que usou para pleitear vagas em grupos de trabalhadores e como foi aceito. Depois que se estabeleceu mostrava-se sempre mais sensível com aqueles que sabiam abordá-lo da maneira que considera apropriada:

(...) Tem, ele tem qui sê humilde, (...) ele tem qui chegá no meio daquela turminha assim, meio como se diz, né!? Pessoa humilde, e fala : ô gente boa, cumé qui é? Eu tô... num sô daqui, igual já aconteceu cumigo, né!? Eu num sô daqui, eu tô...tô sem dinhêro, tô picisano de um trabalho aí pa comprá o qui cumê, cêis tem um jeito de me dá uma chance aí pa ajudá entrá com cêis, ... Eu já fiz isso, foi muito, já fiz! Chega e.. muita gente as vez tá picisano, fala, não, vamo entrá aqui na boca aqui qui agora mesmo cê tem dinhêro, ao meno cê compra o qui cumê. Acunteceu de pegá gente aí qui nunca pegô im sacaria, falô, quebra um gai aí, cê as vez num qué, mais fica com pena, quebra um gai aí qui a situação tá ruim mesmo, eu tô cum fome, eu tô picisano de ganhá esse dinhêrinho. Aí, já levava logo, toma um refrigerante, come um pão cum mantêga ou cum salame aí, pa nós garrá, que senão cê num güenta, que as vez picisa puxá (...)

Sua narrativa nos dá a entrever que a estratégia de abordagem de um grupo com postura e argumentos capazes de sensibilizar os que ali trabalham é um fator chave para sua aceitação. Se o chegante reconhece a autoridade do grupo constituído e utiliza-se de argumentos capazes de sensibilizar seus membros pode ter a chance de trabalhar com eles.

Seu Eduardo relata que as chances de aceitação em um grupo são melhores para quem já tem experiência:

(...) quando o cara tenha... exerce a profissão, qui intende, né!? porque num adianta í um servente, um cara qui trabaia na roça, um cara qui nunca ... mexeu, nem nunca...nem inloná um caminhão, í pra lá. Por que? As firma ali... já é... cunhicida nossa, então, é tanto qui às vezes, chega um serviço numa empresa(...) só fala assim: oh, é pa discarregá aí, tal... né!?... já sabe o que é qui nós temo qui fazê. Então não adianta í uma pessoa, qui nunca... qui num intende do ramo í pra lá. Por que? Vai cumpricá, vai dá trabai, vai se machucá! Vai misturá uma mercadoria, a sinhora entendeu!?

Ao que Seu Eduardo indica, a resistência aos “*cara que nunca mexeu*” deve-se ao temor de que possam prejudicar o trabalho pela redução no ritmo, apontada por seu Lourenço, ou pela possibilidade de outras complicações, tais como um acidente ou mistura de mercadorias. Isso não apenas atrasaria o grupo, como poderia criar uma imagem negativa dele aos olhos dos empresários, por causar problemas, não ser eficiente e por lidar com “barrigas”.

Para Seu Eduardo, Seu Lourenço, Seu Delfim, Seu Antônio, Cláudio “saber trabalhar” é ter o domínio do negócio com o qual se identificam e pelo qual se fazem. Todos eles, fazendo grande esforço narrativo, explicaram-me isso, fazendo uso de exemplos de habilidades para lidar com vários tipos de mercadorias. Tinham intenção que eu pudesse compreender do que estavam falando quando diziam que é preciso “saber trabalhar”. Seu Eduardo:

(...) Cada mercadoria, qui vai em cima dum caminhão, ela tem uma diferença ... uma diferença de fazê a carga, uma diferença de enlonação, uma diferença de pia, de broco, por exemplo, a sinhora, eu vô fazê sua mudança...HUM?...eu num vô pegá seus móvel e í jogano, encostano um in riba do ôtro...amontuano, ali...E COMO É QUI O SINHOR VAI FAZENO? Ali, o que qui eu vô fazê? Primeiramente, pidino licença, a sua casa, pra entrá e olhá os seus móvel, o que qui cê tem...aí eu vô falá pra sinhora: ó, primêro a geladêra, guarda-roupa, peças mais pesada,... por que? Eu vô pô na frente. Então naquelas peça pesada, depois vai vim as ôtra. O que qui vai acontecê? Sua mudança vai viajá...em cada peça daquela, eu vô tê qui arrumá um papelão, um cobertor e í forrano pa a peça num í ralano uma na ôtra pra num estragá. A sinhora entendeu? (...)o cobertor, o colchão de soltêro, o colchão de casal,

tudo serve pra... calçá uma...UMA COISA NA ÔTRA?! É, uma peça na ôtra, ali nós vamo aproveitano...a sinhora entendeu? Um tapete...deve a ...por exemplo, eu vô pegá... a sua geladêra novinha, vô pô num canto e vô pegá esse rádio e pô no rumo da sua geladêra? Num posso. Uma tombadinha o rádio vai arranhá sua geladêra. O que qui vai tê? Nós vai tê qui forrá. Então e no fim, a gente vai tê qui organizá aquilo bem organizado, bem arrumadinho, coisas de pranta, essas coisêra, é o último. É... lateral . de cama essas coisêra, é o último tamém. Por que ? Porque é madêra solta, é por último. Se a sinhora pegá uma pessoa qui nunca fez uma mudança e... fô fazê sua mudança, quando a sinhora chegá no destino, no lugá tá tudo estragado. (...)E... e tudo tem...tem uma diferença: caxaria, tem qui sabê fazê o broco, a carga, a altura qui é. Eu tem qui somá, tem qui midi o caminhão. Vamo fazê tantas caxa de quanto? Vai quinhentas caxa? Vai. Quinhentos saco de sal? Vai. Tem qui midi quantas fiada deu. Deu doze, quinze fiada, aí nós vamo pegá a calculadora e somá. Pra ali, eu qui tô fazeno a carga, eu num pô cinqüenta saco numa pia, trinta nim uma, ou vinte no ôtro, ou quarenta...a sinhora entendeu? SEI. E...? Tem qui dividi pa quando fô no fim, a conta confiri, deu doze fiada? Doze de quarenta? Deu. Dá doze de quarenta, dá o quê? Quatocentos e oitenta, né!? HUM...HUM...Então, vai quatocentos e oitenta fardo? Vai .Então eu vô midi doze fiada. O que qui eu tenho qui fazê? Eu tenho qui começá tudo de quarenta . Eu num posso pô uma cum quarenta e um, uma cum trinta e nove, cê entendeu? Pra confiri e a carga í com peso igual. Que um caminhão num pode andá nem rabiçando e nem trasêro (...)

O modo como Seu Eduardo explica o que é “saber trabalhar” deixa entrever que, além de envolver cuidados com as mercadorias a serem embaladas, acondicionadas e transportadas, requer que a cada situação de trabalho² tenham que tomar decisões sobre como proceder, uma vez que as cargas nunca são iguais. Assim é preciso observar a quantidade, o tipo de produto, o peso e tamanho dos volumes ou objetos, para planejem como organizar sua disposição no caminhão que deverá transportá-los, controlando encaixes, fixação, tipos de produtos que podem ser colocados próximo, tipos de proteção necessária a cada produto, para que não se quebrem ou estraguem.

A diversidade de saberes necessários para que uma carga ou uma mudança sejam transportadas adequadamente, não se estrague a mercadoria e nem o caminhão, para que a carga possa ser conferida sem maiores dificuldades, é bastante significativa. Essa bagagem vai sendo adquirida por um homem ao longo de sua vida como carregador, a partir do exemplo de outros mais experientes. O “saber trabalhar” como carregador envolve conhecimentos adquiridos, raciocínio, capacidade de planejamento, criati-

² Estas questões das situações de trabalho são também referidas por CRUZ, Maria Cecília Velasco e. **Virando o Jogo**: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República. TD em Sociologia, FAFICH/USP, São Paulo, 1998. Pags56/56.

vidade para que problemas inesperados possam ser resolvidos de modo eficiente e as cargas possam chegar sem danos ao destino. O “saber trabalhar” não é uma mera atividade mecânica que qualquer pessoa inexperiente possa realizar. Carregar e descarregar não é “*i jogano, encostano um in riba do ôtro... amontuano*”.

Seu Eduardo detalha os procedimentos e a complexidade de seu trabalho e ressalta as consequências de não se realizar corretamente todos os passos na organização da carga. Ao fazer isso, demonstra a necessidade de realizá-lo com responsabilidade e seriedade. Construindo sua identidade como carregador, fala de sua profissão que exige competência e qualificação como qualquer outra. O modo como fala sugere uma reivindicação de valorização de seu trabalho e de sua pessoa como alguém que realiza um trabalho que demanda qualificação. Qualificação que ele possui e se orgulha de ter adquirido ao longo de toda sua vida como carregador. Sugere também que é no “saber trabalhar” que está a força da categoria, uma vez que as mercadorias, ou móveis ou produtos com os quais lidam são bens de valor, sendo assim os proprietários não se arriscam a contratar alguém que não “sabe trabalhar”, porque o acondicionamento incorreto de uma mercadoria pode fazer com que perca seu valor, trazendo grandes prejuízos. Aqueles que se aventuram a lidar com um “barriga” pagam caro por isso.

Seu Eduardo explica que para além dos saberes que envolvem a lida com as mercadorias, é importante dominar normas de relacionamento. Quando diz: “*Primeiramente, pidino licença, a sua casa, pra entrá e olhá os seus móvel, o que qui cê tem...*” como o primeiro procedimento na realização de uma mudança, indica que é importante estabelecer com as pessoas para as quais presta serviço uma relação respeitosa. Conhecer e partilhar, por exemplo, do valor que prescreve que a casa de uma pessoa é um local que merece muito respeito é importante para quem vai atuar na realização de uma mudança.

Continuando a conversa sobre os saberes necessários, pergunto a Seu Eduardo se entre a equipe existe um que lidera e vai tomando as iniciativas às quais se referiu e ele disse que “*(...) Qualqué um de nós*”, pode assumir este papel, porque “*(...) todos nós qui tá ali, tem qui sabê isso tudo*”. De acordo com Seu Eduardo, quem se coloca em um Ponto para se dizer carregador precisa dominar os saberes necessários para o bom desempenho do trabalho. Assim o reconhecimento social que demanda é horizonte para ele e para todos os outros:

(...) Não, é portanto qui nós.... Tem qui sabê fazê uma pia, por exemplo, a sinhora compra aí: quinhentos sacos de adubo. Hum?... Aí a sinhora fala pra mim: ó, eu quero o adubo impiado, seja roça ou no barracão, eu vô fazê a pia. Os ôtos colega meu sabe também. Mais vamo qui eu falo assim: não, eu vô impiá.

O que qui eu vô fazê? Eu vô fazê o laço, vô midi e em cada laço daquele eu tenho qui pô ou deiz, ou quinze, ou dizoito. Num pode sê um cum deiz, ôto cum onze, ôto cum quinze, ou cum... não! Tem qui sê é cum onze, é onze. Se é quinze, é quinze.(...) e ali eu vô impiano e os ôtos vai carregano. (...) ele joga lá na pia e eu vô arrumano... A sinhora vai oiá no saco assim ó... e vai oiá o bico do primêro saco qui tá lá no chão, ele tem qui acompanhá até o último de cima, a pia não pode entortá nem um dedo, sinão ela cai. (...) Então um cara qui num sabe impiá, uma pia daquela cai ainda machuca um, a sinhora entendeu?, a responsabilidade de quem vai carrega e de quem vai empilhá é a mesma?! É de todos. (...) se eu tô fazeno uma pia, e ela caí... problema seu qui vai tê qui arrumá tudo de novo! Não, eles vão tê qui arrumá tamém. Ah! Aí todo mundo te ajuda! É nós quatro, né?! Agora, se nós saí, acertô com a firma, recebeu, e foi embora, passô vinte e quatro hora, num tem nada a vê.

Ao continuar explicando como dominam diferentes sistemáticas de trabalho e como o grupo deve funcionar como um todo sintonizado, Seu Eduardo deixa claro que todos dominam todos os procedimentos e, sem grandes disputas, planejam e dividem as tarefas entre si, sendo igualmente responsáveis pelo bom andamento do trabalho em sua integridade. Cada um realiza a parte que lhe cabe, confiando na perícia de seus companheiros para desempenhar a parte que coube a cada um.

Como o resultado final do trabalho depende do bom desempenho de cada um, podemos imaginar a dificuldade para lidar em um grupo onde os membros não estejam bem articulados ou com a presença de “um barriga” que pode interferir de maneira significativa no desempenho da equipe. Se considerarmos que a maior parte do tempo os carregadores trabalham recebendo por tonelada e empreendem um ritmo acelerado para obterem maiores ganhos, a perícia de cada em manusear as mercadorias e saber lidar com cada uma delas e a capacidade de resolver situações inesperadas torna-se fator importante.

Ao insistir sobre habilidades e estratégias, cada um deles vai reconstruindo a força deste modo de trabalhar entretecido numa rede específica de relações e firmando sua própria identidade como carregador. É o que faz Seu Lourenço, ao qualificar seu trabalho na Cargil não como “*pesado*”, mas como “*rápido*” e ao dizer que o principal requisito para manusear caixas de óleo que pesam entre 18 e 20 quilos é a “*prática*”:

(...) Vai muito é do... de movimento, cê pegá, que im comparação, cê pegá uma caixa de óleo, se num subé colocá ela, ela bate na ôta istora qué dizê qui ali ocê já atrasô, pa... catá aquela qui cê derramô, né!? Enquanto cê cata vinte lito, cê joga quarenta lá na... no caminhão, qué dizê... qui cê... atrasa muito . Acontece é isso. Se ocê istorá, num subé pegá, cê abre uma caixa, a vez é até arriscado

ocê machucá. Se uma caixa daquela caí no seu pé, machuca mesmo. (...) e se istoryá ela, seu serviço atrasa de todo jeito. Atrasa o meu e os dois qui tá cumigo, cê tem qui isperá eu catá aquilo. (...) Nóis três tem qui saí igual, quando um acabá o ôto acabá, se dois adiantá... que ocê acabô sua parte, mais seu colega, e a minha ficô, é obrigado tê qui isperá eu terminá, im comparação, aí no caso os dois lá aqui terminô primêro vai isperá eu terminá pra pudê liberá o caminhão. Então tem Qui trabalhá mais ó meno por igual (...)

Cláudio desce a detalhes ainda mais profundos no que diz respeito às habilidades e experiência necessária para que um carregador desempenhe com desenvoltura sua atividade. Detalha a variedade dos tipos de amarração que é preciso dominar para fazer a carga de acordo com a preferência do freguês ou com o tipo de carga que vai no caminhão:

(...) tem as amarração... istilo de amaração... tem o “carioca” qui é uma amarração com fechamento nas corda... tem o “rondante” também qui é o amarrado com diversas voltas em volta da lona quando a carga é alta. Tem os amarrado com “pé de galinha” que é amarrado estilo um “M” qui nós chamamo de “pé de galinha”. Tem otos tipo de amarrá tamém (...). Cada caminhoneiro já fala : amarra cum pé de galinha ou amarra cum carioca, ou faz um rondante, ele escolhe... as vezes a gente mesmo iscolhe já vê a base da carga dele e já faz, o cara tá cum pressa. Faz amarração cum “X” e com rondante do jeito que ele quer. Já intrega prontinho pra ele.

Pelo detalhamento dos modos de trabalhar de um carregador, os entrevistados foram me levando a refletir sobre elementos que muitas vezes passam despercebidos a todos nós que vivemos no meio urbano e diariamente vemos trafegar diante de nós cargas as mais diversas, sem nunca pensar sobre os significados desse trabalho na cidade, por meio do qual esses homens se fazem, entretecendo dimensões da própria cidade.

Através do modo como foram me explicando o que era “saber trabalhar” como carregador, os entrevistados foram refazendo sua própria imagem na cidade. A ideia de informalidade como improvisação vai sendo substituída pela compreensão deste ramo de trabalho como sendo regido por regras, habilidades, experiência, conhecimento da cidade e do próprio negócio.

Seu Delfim, falando das estratégias de aperfeiçoar-se no manuseio de fardos de algodão, que pesam em média duzentos quilos, vai também revelando como o carregador vai construindo seu trabalho como uma profissão na cidade, profissão pela qual se reconhece e na qual se faz. Falando desse processo, admite que a ajuda de um carrinho mecânico é importante na realização de seu serviço, mas destaca que a manobra com o fardo requer grande perícia. Isso faz com que especializar-se neste ramo tenha sido uma

tática para garantir trabalho. Falando do mesmo processo, explica que a falta de sincronia entre os parceiros, quando trabalham em dupla, pode ser fatal. Traz mais uma vez a complexidade do trabalho, ao afirmar que a sincronia é determinante para evitar perigos. Trabalhar sozinho, segundo, ele é menos perigoso que com um companheiro com o qual a sintonia não é plena:

Não, mais carregá não, só levanta, né?! Duzentos quilo cê carrega num carrinho. AH!...Mais pro cê manobrá com ele sozinho, no salão, ele tá deitado, se cê levanta é melhor do que cum dois. Já no cê... um pega dum lado, ôto pega do ôto, o ôto move, aí cê vai e arrebenta a coluna, É mais fácil, cê já pega ele e levanta ele de seco.

Além da perícia necessária, da sintonia e de uma equivalência de condições entre os membros das equipes, um outro fator que teve que ser incorporado como elemento de conhecimento pelos carregadores foi a lida com os instrumentos tecnológicos para auxiliar a movimentação de mercadorias. Ao longo do tempo, passaram a lidar, por exemplo, com a “Dala” como algo rotineiro em grandes empresas: “(...) *hoje im dia já tem a Dala, qui é a motor, cê joga o saco aqui, liga e vai imbora sozinho, o piêro ta lá im cima isperano.*”

Em princípio, um carregador, que “sabe trabalhar”, lida com a movimentação de qualquer tipo de mercadoria. Carregadores aglomerados em cooperativas, no Sindicato e nos diversos Pontos podem ser solicitados para movimentar qualquer mercadoria, e é fator de sucesso saber manusear qualquer uma. Os carregadores, entretanto, tendem a estabelecer preferências por lidar com tipos específicos de carga, adquirindo grande perícia no manuseio destas e fazendo com que sejam preferidos quando se tratar daquele tipo de produto. Estas especializações podem se dar por vários motivos, entre os quais eu destacaria a criação de um nicho que garanta maiores oportunidades de trabalho e remuneração. A complexidade dos processos, a necessidade de grande rapidez na realização das tarefas, para obterem maior rendimento e o fato de que a rapidez e eficiência na movimentação de mercadorias é construída na “prática” são motivos suficientes para justificar o fato de que alguns carregadores ou grupos se especializam, por exemplo, em realizar mudanças. Este é o caso do Seu Antônio e seu grupo, que apesar de trabalharem com qualquer mercadoria, têm preferência por atuar no filão das mudanças. Alguns estabelecem relações fiéis com determinadas empresas para realizar entregas de mercadorias nos estabelecimentos comerciais, outros se especializam em movimentar caixas de produtos industrializados, outros em descarregar caminhões graneleiros, outros, como o importante segmento dos “saqueiros”, se especializam em movimentar sacarias em armazéns. Algumas destas especialidades podem ser bem difíceis de realizar. É o caso do Seu Delfim e seu grupo, especializados em fardos de algodão, que requerem grande força e perícia para serem manuseados, assim tendo

um nicho garantido junto às algodoceiras. As atuações dos grupos podem também variar para aproveitar os ciclos do fluxo de mercadorias como, por exemplo, as safras dos diversos produtos.

As narrativas dos carregadores nas quais falam da relação entre saberes escolares e seus saberes construídos na experiência de vida, explicitam como problema de nossa sociedade a hierarquização de saberes e o modo como sofrem desqualificação social os saberes construídos em outros espaços que não o espaço escolar. Explicam em suas narrativas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas para viver na cidade com os baixos níveis de escolaridade, mas também expõem uma infinidade de estratégias e saberes construídos para viabilizar a sobrevivência na cidade, afirmam a importância social de seus saberes e reivindicam reconhecimento e valorização, problematizando os discursos que os desqualificam. Explicitam clara consciência da manipulação discursiva que usa a valorização dos saberes escolares para imputar aos que não os possuem um lugar social inferior, mas que não incorpora muitos através da percepção dos altos contingentes de “*gente formada desempregada*”.

Tudo que as narrativas dos carregadores enunciam nos remete ao que Rüsen, propõe sobre a aprendizagem, que constitui a consciência histórica e, como nas narrativas, ou seja, no ato de contar histórias, a consciência histórica do sujeito se destaca. Nesse sentido, a narrativa histórica é um “modo específico de sentido sobre a experiência do tempo” e, para a construção desse “sentido”, a narrativa deve estar vinculada à “experiência do tempo de maneira que o passado possa tornar-se presente no quadro cultural de orientação da vida prática contemporânea” (RÜSEN, 2001, p. 155). Considero ser possível percebermos o tipo de consciência histórica construída pelos carregadores na sua experiência social.

As narrativas elaboradas pelos trabalhadores colocam em evidência a necessidade de superarmos em nossas sociedades a hierarquização dos saberes e a necessidade de não só colocarmos os saberes escolares nivelados aos demais saberes, quanto lutarmos para que sejam cada vez mais voltados a formar para a vida e liberdade e sejam efetivamente direito de todos e não obrigação de todos. A educação escolar precisa ser cada vez mais um índice de cidadania de todos e menos um instrumento de privilégio e hierarquização social.

Bibliografia

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. **História Oral**, Marieta de Moraes(org.), Rio de Janeiro: Diadorim/FINER, 1994.

Artigo recebido em 01-07-2014, revisado em 04-10-2014 e aceito para publicação em 22-10-2014.